

ESTUDO SOBRE JEJUM

Texto Base: Isaías 58.

3º dia. Versículos 05 e 06:

*“Será esse o jejum que escolhi,/ que apenas um dia o homem se humilhe,/ incline a cabeça como o junco/ e se deite sobre pano de saco e cinzas?/ É isso que vocês chamam jejum,/ um dia aceitável ao SENHOR?/ **O Jejum que desejo não é este:/ soltar as correntes da injustiça,/ desatar as cordas do jugo/ pôr em liberdade os oprimidos/ e romper todo jugo?**” — Nova Versão Internacional.*

Finalmente nosso texto nos trouxe ao ponto em questão. Qual o jejum que o SENHOR deseja. Mas, antes disso, a leitura de hoje nos divide em dois extremos. O versículo cinco prossegue a linha de raciocínio estudada ontem e nos fala um pouco mais sobre o que *não* é jejum, o sexto inicia uma série de observações sobre qual é a real vontade do nosso Deus em relação a esse tema. Sendo assim vamos dividir os estudos de hoje em duas partes, na primeira concluiremos a leitura do Velho Testamento sobre jejum, e a segunda introduzirá o pensamento de Jesus, dos Apóstolos e da Igreja Primitiva.

O versículo cinco dá a entender alguns aspectos rituais do jejum para os judeus. São eles:

- Humilhar-se por um dia;
- Andar de cabeça inclinada;
- Deitar-se (ou vestir-se com) pano de saco e cinzas.

Ao que tudo indica, o *humilhar-se* faz parte do padrão do Antigo Testamento para o Jejum. Em todas as passagens estudadas havia um forte sentimento de sujeição a Deus, dependência da parte dele. A raiz etimológica por trás dessa palavra é a mesma de *inah*, que estudamos ontem. A tradução literal para *“inclinar a cabeça como o junco”* seria algo como *“dobrar aquilo que lhe é mais valioso (elevado) ao nível mais humilde”*. Assim, **o Jejum no Antigo Testamento fala de uma inversão de valores**. Espiritualmente, aquele que se prestava a jejuar lembrava-se continuamente que seu relacionamento com Deus era mais importante do que aquilo que ele considerava importante. Isso é *inclinar a cabeça como o junco*.

O humilhar-se era demonstrado com o vestir-se de panos de saco e lançando-se cinzas sobre si. Era uma demonstração do despojar das coisas desse mundo, como dito acima, onde só Deus importava. As cinzas representavam a queima da carne (essas cinzas eram retiradas dos sacrifícios, após terem sido totalmente queimados), ou seja, a morte das nossas vontades e desejos, do nosso eu.

Podemos perceber que todas essas eram atitudes que qualquer um poderia ver, não é mesmo? Todos veriam sua pobre vestimenta, sua cabeça coberta de cinzas, seu rosto triste, sua postura reclinada, tudo isso em sinal de auto-humilhação perante os demais. Mas, de que adianta ter atitudes exteriores como essas se no nosso íntimo estamos cheios de orgulho e arrogância, pensando apenas em nós mesmos, em como somos mais santos por praticarmos esses atos? Isso tudo no remete ao texto que estudamos ontem sobre o fariseu e o publicano. O fariseu, no seu íntimo, se achava melhor que os demais por jejuar duas vezes na semana (e esse jejum deveria ser praticado como o descrito no versículo 5 de Isaías 58, que estamos estudando). Tinha uma aparência de humildade, mas era um jejum para ele mesmo, ou até pior, um jejum para mostrar para os outros!

Um texto um tanto quanto auto-explicativo para o tema que estamos tratando está em Mateus 6.16-18, palavras de Jesus sobre como devemos agir quando jejuamos:

“Quando jejuarem, não mostrem uma aparência de triste como os hipócritas, pois eles mudam a aparência do rosto a fim de que os outros vejam que eles estão jejuando. Eu lhes digo verdadeiramente que eles já receberam sua plena recompensa. Ao jejuar, arrume o cabelo e lave o rosto, para que não pareça aos outros que você está jejuando, mas apenas a seu pai que vê em secreto. E seu Pai, que vê em secreto, o recompensará.”

Quanto à maneira que o jejum deveria ser feito e sobre qual motivação, como aprendemos ontem, não havia prescrição dentro da Lei de Moisés (a Torah), e a palavra hebraica por trás de nossas traduções não quer dizer nada além de abster-se de bebidas ou alimentos. Sendo assim, ao ler o texto de Isaías não há como deixar de pensar que a maneira que os judeus escolheram para jejuar não seja um costume, recebido por tradição. O *“Novo Dicionário da Bíblia”* têm algumas informações a acrescentar sobre essa tradição:

Esses jejuns eram algumas vezes individuais (por exemplo, 2º Samuel 12.22) e algumas vezes em grupo (por exemplo, Juízes 20.26; Joel 1.14). O jejum expressava tristeza (1º Samuel 31.13; 2º Samuel 1.12; 3.35; Neemias 1.4; Ester 4.3; Salmo 35.13,14) e penitência (1º Samuel 7.6; 1º Reis 21.27; Neemias 9.1,2; Daniel 9.3,4; Jonas 3.5-8). Essa era uma das maneiras pela qual os homens podiam humilhar-se na presença de Deus (Esdras 8.21; Salmo 69.10). [...] O Jejum freqüentemente tinha por propósito obter a orientação e a ajuda de Deus (Êxodo 34.28; Deuteronômio 9.9; 2º Samuel 12.16-23; 2º Crônicas 20.3,4; Esdras 8.21-23). — (DOUGLAS, J. D. [organizador] “O Novo Dicionário da Bíblia”, São Paulo: Vida Nova, 2006. Verbete “JEJUM”, pg. 657. As passagens bíblicas foram propositalmente grafadas em **negrito** para facilitar

ao leitor desse estudo sua identificação).

Vamos analisar brevemente alguns desses textos para procurarmos compreender o panorama geral do Antigo Testamento no que se refere ao Jejum.

No primeiro exemplo citado, 2º Samuel 12.22, temos o exemplo do Rei Davi. A história é bastante conhecida, ele não só havia adulterado, mas também assassinado o marido daquela com quem pecou. Como castigo por seu comportamento maldoso a criança, fruto de seu pecado, não sobreviveu. Para tentar reverter esse quadro o rei jejuou e passou uma noite inteira deitado no chão. Em suas próprias palavras: *“Enquanto a criança estava viva, jejei e orei. Eu pensava: Quem sabe? Talvez o Senhor tenha misericórdia de mim e deixe a criança morrer”*. Temos aí uma clara indicação de que um dos motivos de jejum no Antigo Testamento era fazer com que a “misericórdia” de Deus se movesse em direção a uma pessoa e sua causa. É interessante que nesse caso específico vale o que conversamos aqui nos estudos de ontem. Davi havia desobedecido gravemente ao Senhor, logo, não havia possibilidade de Deus agir com benevolência e retirar sua justa punição por dois terríveis pecados que o Rei havia cometido. Mais uma vez a obediência teria evitado a desgraça, e não o jejum.

Em Juízes, capítulo 20, temos a primeira aparição da palavra hebraica para jejum na Bíblia, em um de seus episódios mais lamentáveis. Houve, nesta ocasião, uma guerra interna, entre as tribos de Israel. Os de Benjamim haviam encoberto um crime terrível, e por isso os demais israelitas marcharam contra eles. Após muitas baixas as onze tribos estavam perdendo a guerra, por isso resolveram buscar orientação de Deus. Eles se reuniram diante da Arca da Aliança, em Betel, e ali jejuaram por um dia inteiro, até o fim da tarde, oferecendo sacrifícios no Tabernáculo. O objetivo desse jejum nacional era claro, obter a orientação de Deus para um assunto específico, esperar a resposta do Senhor.

Para compreender o texto de Juízes devemos dividi-lo em partes, vamos ao texto:

Então todos os filhos de Israel, e todo o povo, subiram, e vieram a Betel e choraram, e estiveram ali perante o Senhor, e jejuaram aquele dia até à tarde; e ofereceram holocaustos e ofertas pacíficas perante o Senhor. – Almeida, Corrigida e Fiel.

Em partes:

- (1). *“todos os filhos de Israel, e todo o povo, subiram, e vieram a Betel e choraram”* — ou seja, havia **unanimidade** em toda a nação para a busca da vontade de Deus.
- (2). *“e estiveram ali perante o Senhor”* — havia um desejo e um compromisso nacional por **buscar a face** de Deus.
- (3). *“e jejuaram aquele dia até à tarde”* — esse foi o jejum em si, como vimos no texto de Isaías, essa era uma forma de humilhar-se perante o Todo-Poderoso.
- (4). *“e ofereceram holocaustos e ofertas pacíficas perante o Senhor”* — havia voluntariedade, ou seja, **doação** por parte dos filhos de Israel.

A história conta que o Senhor os ouviu, e lhes deu vitória sobre seus inimigos naquele dia. Numa leitura superficial poderíamos com facilidade interpretar esse fato como resultado ou benefício do jejum, mas destrinchando o texto encontramos uma série de fatores ponderantes para a assistência divina. Vemos que **unidade, intimidade, jejum e entrega** foram os quatro motivos que levaram Deus a respondê-los.

Nos detivemos nesse texto porque ele parece ter trazido a primeira indicação de um jejum bíblicamente válido. E também porque ele nos diz algo sobre a possibilidade de, como Igreja, repetir a atitude do povo de Israel. Nos próximos dias, ao analisarmos a prática bíblica do jejum, vamos nos deter nesse ponto.

Em Joel 1.14 os motivos do jejum são diferentes de juízes. É difícil datar o livro, dada a ausência de referenciais de época no corpo do texto, alguns o situam no século IX antes da nossa era, outros após o exílio babilônico. De qualquer maneira, o contexto profético das passagens sobre jejum é o seguinte: O Senhor decretou juízo contra o reino de Judá, uma praga de gafanhotos destruiria suas plantações, toda a agricultura nacional seria prejudicada, assim a nação seria inevitavelmente assolada pela fome. Diante disso o profeta conclama a nação ao arrependimento:

Ponham vestes de luto, ó sacerdotes, e pranteiem; chorem alto, vocês que ministram perante o altar. Venham, passem a noite vestidos de luto, vocês que ministram perante o meu Deus; pois as ofertas de cereal e as ofertas derramadas foram suprimidas no templo do seu Deus. Decretem um jejum santo; convoquem uma assembléia sagrada. Reúnam as autoridades e todos os habitantes do país no templo do Senhor; o seu Deus, e clamem ao Senhor. – Joel 1.13,14, Nova Versão Internacional.

Em 1ª Pedro 2.9; Apocalipse 1.6 e 5.10 a Bíblia deixa claro sobre quem são, nos tempos da Igreja, os “sacerdotes”: cada um de nós, crentes em Cristo. Isso nos apresenta uma outra ocasião sobre a prática de jejum bíblico válida para nossos dias. Diante da calamidade da nação os Sacerdotes devem clamar a Deus pelo povo. Nesses versículos podemos mais uma vez notar a presença dos elementos de Juízes, unanimidade, comunhão com Deus, sacrifícios. Parece que estamos encontrando um padrão, mas vamos aos próximos exemplos citados.

“Tomaram-lhes os ossos, e os sepultaram debaixo de um arvoredor, em Jabes, e jejuaram sete dias.” (1 Samuel 31.13)

“Prantearam, choraram e jejuaram até à tarde por Saul, e por Jônatas, seu filho, e pelo povo do SENHOR, e pela casa de Israel, porque tinham caído à espada.” (2 Samuel 1.12)

“Tendo eu ouvido estas palavras, assentei-me, e chorei, e lamentei por alguns dias; e estive jejuando e orando perante o Deus dos céus.” (Neemias 1.4)

“Em todas as províncias aonde chegava a palavra do rei e a sua lei, havia entre os judeus grande luto, com jejum, e choro, e lamentação; e muitos se deitavam em pano de saco e em cinza.” (Ester 4.3)

“Quanto a mim, porém, estando eles enfermos, as minhas vestes eram pano de saco; eu afligia a

minha alma com jejum e em oração me reclinava sobre o peito, portava-me como se eles fossem meus amigos ou meus irmãos; andava curvado, de luto, como quem chora por sua mãe.” (Salmos 35.13-14) – Todos os textos da “Almeida Revista e Atualizada”.

Em todas as passagens os jejuns são motivados por uma tristeza profunda. Em Samuel a origem da tristeza é o luto, e portanto trata-se de uma abstinência alimentar completamente natural. Neemias, Ester e Salmos parecem concordar de certa maneira com o texto de Joel, e as personagens jejuaram devido a um grave problema.

Em 1º Samuel 7.6; 1º Reis 21.27; Neemias 9.1,2; Daniel 9.3,4 e Jonas 3.5-8 o contexto é de humilhação em arrependimento por erros cometidos. Aprendemos ontem que, nesse caso, o sacrifício de Jesus foi suficiente para nos livrar de todo o pecado.

O jejum de Moisés no Monte Sinai foi um milagre do Senhor, uma vez que ninguém seria capaz de permanecer quarenta dias sem alimento algum. O caso de Davi foi examinado. Resta-nos então dois textos:

“Então, Josafá teve medo e se pôs a buscar ao Senhor; e apregoou jejum em todo o Judá. Judá se congregou para pedir socorro ao Senhor; também de todas as cidades de Judá veio gente para buscar ao Senhor.” (2 Crônicas 20.3-4).

“Então, apregoei ali um jejum junto ao rio Aava, para nos humilharmos perante o nosso Deus, para lhe pedirmos jornada feliz para nós, para nossos filhos e para tudo o que era nosso. Porque tive vergonha de pedir ao rei exército e cavaleiros para nos defenderem do inimigo no caminho, porquanto já lhe havíamos dito: A boa mão do nosso Deus é sobre todos os que o buscam, para o bem deles; mas a sua força e a sua ira, contra todos os que o abandonam. Nós, pois, jejuamos e pedimos isto ao nosso Deus, e ele nos atendeu.” (Esdras 8.21-23).

São dois casos em que o jejum parece ser de humilhação em busca da proteção de Deus. Com os versículos estudados em mente podemos finalmente voltar a Isaias 58.5. Recordemo-nos dos tópicos analisados ali:

- Humilhar-se por um dia;
- Andar de cabeça inclinada;
- Deitar-se (ou vestir-se com) pano de saco e cinzas.

Podemos resumir as principais motivações para a realização do jejum à luz das passagens estudadas:

- Humilhação diante de Deus;
- Busca da vontade do Senhor;
- Intercessão pelos pecados da nação;
- Luto ou tristeza extrema por uma perda recente;
- Pedido de proteção ou ajuda.

Isso responde nossas dúvidas sobre quais os motivos que levariam alguém a empreender um jejum, mas não esclarece sobre a maneira correta de se realizar o jejum. Hoje nossos estudos se prolongaram consideravelmente, por esse motivo vamos deixar para amanhã a leitura do versículo seis e sua subsequente análise. Para meditação vale recordarmos o que nos diz Isaias 58.6:

Por acaso não consiste nisto o jejum que escolhi:/ em romper os grilhões da iniquidade,/ em soltar as ataduras do jugo/ e pôr em liberdade os oprimidos/ e despedaçar todo o jugo? – Bíblia de Jerusalém.

*Seus amigos e irmãos em Cristo Jesus: Emerson e Emanuel.
Curitiba: Sexta-feira, 15 de fevereiro de 2008.*